

Incidência de bullying entre os alunos do 5º ano do ensino fundamental das escolas municipais de Ubá - MG.

MOURA, Deisiane Santiago de - deisianesantiago@hotmail.com
ABRANCHES, Maria Alice - profmatccfupac@gmail.com

Curso de Pedagogia
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá
Ubá - MG/Dezembro/2015

Resumo

O bullying é um fenômeno presente nas escolas do mundo todo sem distinção de classes sociais, regiões ou culturas. Nesta pesquisa buscou-se analisar a incidência de bullying em escolas da rede municipal de ensino da cidade de Ubá-MG. Acredita-se que o bullying leva as vítimas a desenvolverem distúrbios emocionais, além de influenciar de forma negativa na vida social e no comportamento do indivíduo. O objetivo deste estudo foi verificar a incidência do fenômeno entre os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I. A pesquisa foi realizada através de um questionário adaptado de um instrumento utilizado pelo pesquisador norueguês Dan Olweus contendo 37 questões fechadas, e aplicado em 4 turmas do 5º ano de 4 escolas do município. A realização da pesquisa sucedeu após a assinatura dos responsáveis dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL) e foi realizada nas próprias escolas. Observou-se nos resultados que os alunos presenciam atos de violência na escola frequentemente, além das brincadeiras indevidas e do contínuo uso de apelidos e ofensas entre os colegas. Em sua maioria, os alunos afirmaram serem informados sobre o bullying, tanto pelos pais quanto pela comunidade escolar, contudo, uma parte dos sujeitos da pesquisa declarou sofrer agressões regulares, o que deve ser considerado como sinal da disseminação do fenômeno e com isso deve ser avaliado em prol do combate à violência presente na escola.

Palavras-chave: Bullying. Incidência. Ensino Fundamental I.

Abstract

Bullying is a phenomenon present in schools around the world without distinction of social classes, regions or cultures. This study aimed to analyze the incidence of bullying in municipal schools teaching in the city of Ubá-MG. It is believed that bullying takes victims to develop emotional disturbances and influences negatively in social life and individual behavior. The objective of this study was to determine the incidence of the phenomenon among students of the 5th year of elementary school I. The survey was conducted through a questionnaire adapted from an instrument used by the Norwegian researcher Dan Olweus containing 37 closed questions, and applied in 4 classes the 5th year of 4 local schools. The realization of the research occurred after the signing of Heads of Terms of Consent (TCL) and was held at the school. It was observed in the results that students witness acts of violence in schools often beyond undue games and the continued use of nicknames and offenses among colleagues. Most of the students said they were informed about bullying, both the parents and the school community, however, a part of the research subjects stated suffer regular attacks, which should be considered as a sign of the spread of the phenomenon and this should be rated for the sake of combating this violence at school.

Key-words: Bullying. Incidence. Elementary School I.

1. Introdução

“De origem inglesa, o bullying é uma forma de violência que ocorre nas escolas, caracterizada pela repetição dos atos e pelo domínio de alguns alunos sobre outros.” (ANTUNES, 2012, p.25).

O fenômeno está presente em nossa sociedade desde a existência da escola, porém, tornou-se objeto de estudo de muitos pesquisadores a partir da década de 70. A escola é o local onde acontece este fenômeno, pois Silva (2010, p.20) “o bullying tornou-se um problema endêmico nas escolas de todo o mundo”.

O significado da palavra bullying ainda não é de conhecimento do grande público, porém pode-se afirmar que é

de origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. (SILVA, 2010, p. 21)

A escolha do tema se deu pelo impacto social e crescimento no âmbito escolar deste fenômeno. Por vezes visto como uma brincadeira, ou “reação normal” entre crianças e adolescentes, o bullying é disfarçado e acaba por não ter a devida importância. Entretanto, este acontecimento não é exclusivamente escolar,

[...] o bullying não pode mais ser tratado como um fenômeno exclusivo da área educacional. Atualmente ele já é definido como um problema de saúde pública e, por isso mesmo, deve entrar na pauta de todos os profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente. (SILVA, 2010, p. 14)

Diante de tal fato e da relevância em se compreender o fenômeno bullying, e o motivo que levam alguns jovens, dentre crianças e adolescentes à cometerem bullying deve-se considerar que algumas pesquisas apontam que essas atitudes reproduzem a estrutura familiar dos bullies.

Existe um consenso de que métodos parentais de criação, isto é, a forma como os pais educam seus filhos, podem ser responsáveis pelo desencadeamento de atitudes violentas na escola. Dessa forma, crianças que habitam lares desestruturados e convivem com pais hostis, agressivos e sem laços afetivos harmoniosos têm uma chance aumentada de desenvolver condutas também marcadas pela agressividade. (TEIXEIRA, 2011, p. 51)

O objetivo desta pesquisa é verificar e compreender qual a incidência de atos de bullying entre os alunos do 5º ano do ensino fundamental, de forma a entender quais os motivos que levam alguns alunos a cometerem os atos, e quais os alvos destes. Além disso, procura-se investigar e analisar quais as consequências destes atos na vida das vítimas, considerando os aspectos emocionais e as atitudes que denotam as reações às agressões vivenciadas.

Segundo Antunes (2012, p.27) “o combate e a prevenção do bullying dependem da participação ativa de toda comunidade escolar, para que se possa intervir com ações estratégicas em todos os seguimentos do fenômeno.” Tais mudanças devem partir da conscientização e conscientização de todos para a erradicação desses comportamentos no cotidiano das escolas.

2. Referencial Teórico

Segundo Silva (2010, p.111) “historicamente este estudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar. Em pouco tempo, a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países escandinavos. Na Noruega o fenômeno ganhou grande dimensão e mobilização depois de dois episódios de suicídio que teriam sido ocasionados por maus-tratos que os jovens estariam sofrendo na escola”.

O pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Berger, Noruega, começou estudos voltados para o fenômeno com o objetivo de avaliar as taxas de ocorrência e as formas pelas quais o bullying se apresenta na vida escolar das crianças e dos adolescentes de seu país.

Reuniu aproximadamente 84 mil estudantes, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de alunos. Todas as séries foram observadas, o que corresponderia, atualmente no Brasil, a representante desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. (SILVA, 2010, p. 111)

O bullying é caracterizado por comportamentos agressivos e repetitivos presentes nas escolas de todo o mundo,

são atos de agressão física, verbal, moral e psicológica que ocorrem de modo repetitivo, sem motivação evidente, praticados por um ou vários estudantes contra outro indivíduo, em uma relação desigual de poder, normalmente dentro da escola. Ocorre principalmente em sala de aula e no horário do recreio. (TEIXEIRA, 2011, p. 19)

“Os atos de bullying por vezes são confundidos com agressão e indisciplina, ou até mesmo com brincadeiras, podendo ser considerado “normal”. Entretanto sabe-se que os atos são ofensivos e humilhantes para suas vítimas, sendo cometidos direta ou indiretamente”. (CHALITA, 2008, p. 82)

Tais variações remetem à forma como o bullying é praticado,

Esse comportamento pode atuar de forma direta ou indireta em relação à(s) vítima(s). Na forma direta pode se apresentar de maneira física – bater, chutar, apropriar-se de objetos ou pertences-; de maneira verbal- insultar, criar apelidos, humilhar-; ou ainda ter conotações sexuais, como gozações, voyeurismo, pichações ou desenhos aviltantes em paredes ou muros, na lousa ou em bilhetes. (ANTUNES, 2012, p. 26)

Segundo Berger apud Bandeira e Hutz (2012, p.36), “o fenômeno sofre alterações referentes à frequência e aos tipos de acordo com as nações, regiões e as escolas de determinadas regiões. Ainda segundo a autora, a cultura pode ser um fator que sustenta tais variações”.

São vários personagens envolvidos no bullying, mas é necessário saber reconhecer os integrantes deste fenômeno.

Identificá-los é fundamental, mas com o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que seja estigmatizado pela comunidade escolar, o que também seria uma violência. Os participantes da violência dividem-se em agressores ou bullies, em vítimas ou alvos e expectadores ou testemunhas. Há também aqueles que são, ao mesmo tempo, vítimas e agressores. (CHALITA, 2008, p. 85)

“A vítima de bullying é aquela criança que é constantemente agredida pelos colegas, e geralmente, não consegue cessar ou reagir aos ataques.” (LOPES, 2005 apud BANDEIRA E HUTZ, 2012, p.36). “Apresenta-se mais vulnerável à ação dos agressores por algumas características físicas, comportamentais ou emocionais. Podemos citar, dentre elas, o fato de ter poucos amigos, ser passivo, retraído e possuir baixa autoestima.” (CANTINI, 2004 apud BANDEIRA e HUTZ, 2012, p.36)

“As testemunhas são os alunos que convivem com os atos de bullying, que os presenciam diariamente e possuem dificuldades em tomar atitudes em defesa das vítimas, ajudando na manutenção das agressões.” (TEIXEIRA, 2011, p.38)

De acordo com estudos feitos, meninas e meninos são vítimas e agressoras em níveis similares, em contrapartida, alguns pesquisadores, como Liang e Cols. (2007) apud Bandeira

e Hutz (2012, p.21) afirmam que “a agressividade e a vitimização são de maior ocorrência entre os meninos.”

“O bullying se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se refere sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores.” (ANTUNES E ZUIN, 2008, p.36)

Há também o cyberbullying, que possui uma capacidade de expansão muito grande pela rapidez e disseminação de informações que transitam com facilidade no meio virtual. Segundo Silva (2010, p.126) “os praticantes do cyberbullying ou bullying virtual utilizam, na sua prática instrumentos tecnológicos variados na intenção de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas”.

Teixeira (2011, p.42) evidencia “o anonimato que esses recursos proporcionam aos agressores, permitindo que estes se escondam em identidades falsas, dificultando a identificação e realização de ações punitivas aos bullies”.

Outro ponto citado por Silva (2010, p.127) “é a prática do bullying contra os professores, que por vezes se sentem intimidados e temem a ajuda de seus superiores, pois desta forma, poderiam ser rotulados como incompetentes.” Podendo também ser vítimas de assédio moral de colegas de trabalho ou outros funcionários. Mas estes, podem também ocupar o papel de agressores no bullying.

Existe, ainda, uma terceira posição que os professores podem ocupar na triste história de violência que acomete nossas escolas: o papel de agressores contra seus próprios alunos. Infelizmente, essa realidade se faz presente em nossos ambientes escolares em proporções maiores do que supúnhamos até pouco tempo atrás. Muitos alunos são intimidados, coagidos, humilhados e até mesmo perseguidos por professores. (SILVA, 2010, p. 148)

Entretanto, segundo Antunes e Zuin (2008, p.34) “a prática do bullying é voltada para determinados grupos característicos tais como ciganos, artistas de circo, estrangeiros e outros grupos nômades, além dos alunos obesos e acima do peso, os de baixa estatura e os homossexuais e filhos de homossexuais são, estatisticamente, mais alvos de seus colegas do que crianças e jovens considerados ‘normais’”.

Em seguimento, os agressores, costumam ter perfis similares entre si, como também

eles podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando está acompanhado de seus “seguidores”, seu poder de “destruição” ganha reforço exponencial, o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas. (SILVA, 2010, p. 43)

Contudo, este fenômeno mundial varia de acordo com a região, país, escola e gênero. Tem motivos e personagens variados, não restringe-se às escolas, e tem relação direta com o preconceito e as relações interpessoais de crianças e adolescentes com a família e a sociedade.

“Os programas antibullying podem auxiliar de forma eficaz na redução do bullying, de forma a serem aplicados regularmente e não como um projeto rápido, para que possam promover o combate efetivo ao fenômeno crescente.” (TEIXEIRA, 2010, p.92)

3. Metodologia

A pesquisa em questão é de cunho qualitativo e apresenta,

um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber: (1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (2) o caráter descritivo; (3) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; (4) enfoque indutivo. (GODOY, 1995, p. 62)

Outra forma de classificação da pesquisa, é em relação à sua finalidade, que enquadra-se em pesquisa aplicada, ou seja, interessa-se pela aplicação, utilização e consequências. Como afirma Andrade (2010), esse tipo de pesquisa visa às aplicações práticas, com o objetivo de atender às exigências da vida moderna. Nesse caso, sendo o objetivo contribuir para fins práticos, pela busca de soluções para problemas concretos.

Quanto ao nível de pesquisa, esta se classifica em descritiva, pois visa observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os dados sem interferência, sem manipulação do pesquisador. Segundo Andrade (2010, p.110), “uma das características da pesquisa descritiva é a técnica padronizada da coleta de dados, realizada principalmente através de questionários e da observação sistemática”.

Em relação aos procedimentos, a pesquisa classifica-se em pesquisa de campo, esta baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade. “O pesquisador efetua a

coleta de dados “em campo”, isto é, diretamente no local da ocorrência dos fenômenos”. (ANDRADE, 2010, p.113)

A população da pesquisa são quinze (15) escolas municipais que possuem 5º ano da cidade de Ubá- MG, que possuem os anos finais do ensino fundamental I. A amostra são 4 escolas da Rede Municipal de Ensino que possuem somente um 5º ano, sendo este o fator de inclusão da pesquisa. As demais escolas que possuem mais de uma turma da série em pesquisa, enquadram-se no fator de exclusão.

A coleta de dados foi feita por meio de questionário (ANEXO II), validando cientificamente o questionário adaptado do pesquisador Dan Olweus (1993), que “trata-se de um conjunto de perguntas que o informante responde” (ANDRADE, 2010, p.134). Composto por 37 questões fechadas e um quadro de livre escrita ao final do instrumento.

Para o desenvolvimento da pesquisa, primeiramente foi feito o contato com as escolas para o esclarecimento dos objetivos e do tema da pesquisa, além da série alvo e como o estudo seria executado. Em um segundo contato, as diretoras das escolas assinaram o Termo Consentimento Livre Esclarecido (TCL) (ANEXO I) possibilitando a pesquisa. Além desta, foram enviados os TCLs aos pais, solicitando autorização para que seus filhos participassem da pesquisa. Posteriormente, após um prazo de 5 dias para o retorno das autorizações devidamente assinadas pelos responsáveis, os questionários foram aplicados somente para os alunos autorizados, perfazendo um total de 38 alunos, sujeitos da pesquisa.

Na escola A, dos 18 alunos que levaram as autorizações para os responsáveis assinarem, 13 alunos a devolveram devidamente assinadas. A professora liberou os alunos em grupos de 3 para participarem da pesquisa e os questionários foram respondidos na cantina da escola.

Na escola B, dos 26 alunos da sala, 17 devolveram as autorizações assinadas pelos responsáveis. Um dos alunos autorizados faltou no dia da aplicação do questionário, totalizando 16 instrumentos aplicados, além deste, 2 alunos não foram autorizados a participar da pesquisa, e os 7 restantes não devolveram os termos. A pesquisa foi aplicada em sala de aula, na presença do professor, simultaneamente com todos os alunos autorizados.

Na escola C, dos 18 alunos da sala, 6 devolveram os termos devidamente assinados pelos responsáveis. A aplicação foi em uma sala desocupada da escola, com os seis alunos autorizados.

Na escola D, a sala em questão é multisseriada, dividindo-se em 4º e 5º ano, totalizando 19 alunos, sendo 12 alunos do 5º ano. Destes 12 alunos, 5 retornaram com os

termos devidamente assinados, e 2 faltaram à aula, portanto 3 alunos responderam o questionário.

Durante a aplicação dos questionários houve um cuidado para que não houvesse interferência de uns com os outros, sendo estes respondidos individualmente garantindo o sigilo das informações dadas pelos sujeitos da pesquisa.

A divulgação dos dados acontecerá através de artigo científico apresentado à uma banca avaliadora da Fundação Presidente Antônio Carlos e posteriormente poderá ser publicado em revistas ou qualquer outro meio de comunicação.

Este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa da Fundação Presidente Antônio Carlos e através da Plataforma Brasil, respeitados os procedimentos bioéticos propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução CNS nº 466/2012).

4. Resultados e Discussão

4.1. Universo da Pesquisa

A cidade de Ubá que está localizada na Zona da Mata é o principal polo moveleiro do estado e possui aproximadamente 105.000 habitantes. Destaca-se também na área da cultura tendo como percussores Ari Barroso e Mauro Mendonça. Tem como fruta típica da cidade, a manga Ubá. A pesquisa foi realizada em 4 escolas municipais de Ubá-MG, que possuem somente um 5º ano que funcionam no turno matutino.

4.2. Bullying: vítimas, agressores (bullies) e expectadores (testemunhas)

Dos 70 TCL enviados, 38 retornaram devidamente assinados, perfazendo um total de 38 sujeitos. Adaptado do instrumento produzido pelo pesquisador norueguês Dan Olweus (1993), a coleta de dados se deu através de um questionário. Dos alunos que responderam esse instrumento, 23 eram do sexo feminino e 15, masculino. Quanto à idade, 27 dos alunos tem 10 anos, 10 tem 11 anos e 1 tem 15 anos.

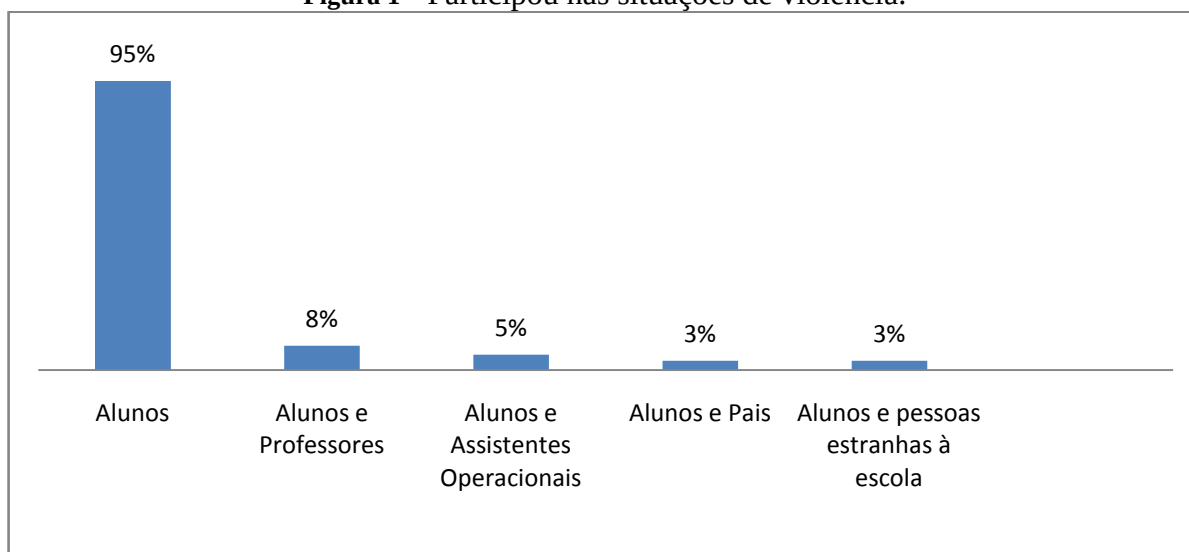
Do total de alunos pesquisados, 21 julga gostar muito da escola, 15 gosta, 1 afirma não gostar nem desgostar e outros 1 diz não gostar mesmo da escola.

Ao serem questionados sobre a presença ou não em situações de violência na escola, 36 afirma ter presenciado e 2 não presenciou.

Em relação à participação em situações de violência que os alunos presenciaram na escola pode-se verificar na figura abaixo que 36 dos envolvidos são alunos, 3 são alunos e professores, 2 são assistentes operacionais, 1 sendo alunos e pais e 1 alunos e pessoas estranhas à escola.

Ressalta-se que os pesquisados apresentaram mais de uma resposta à pergunta.

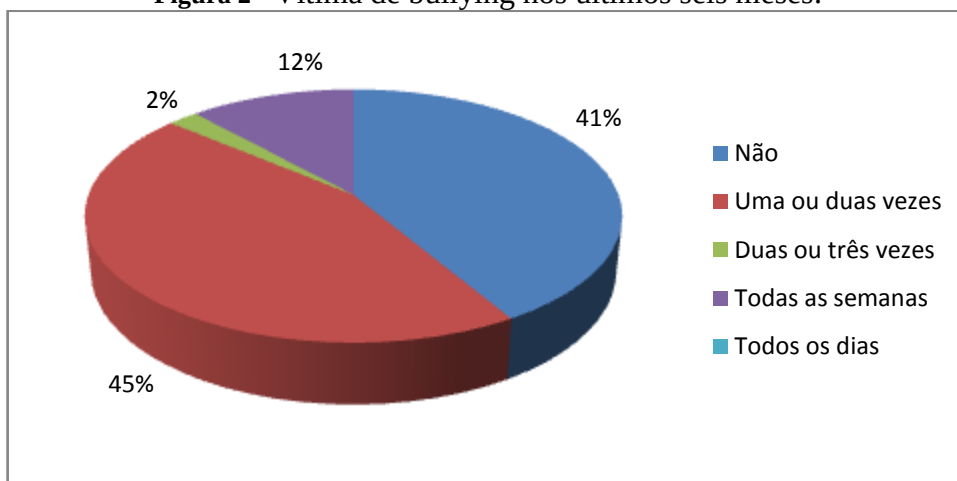
Figura 1 - Participou nas situações de violência.



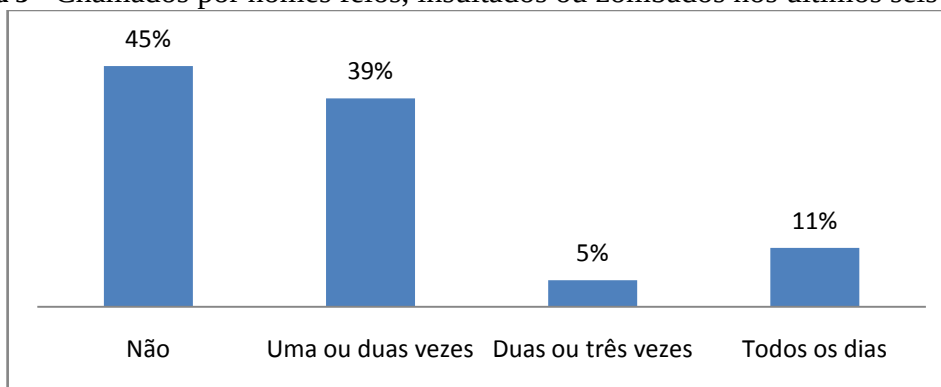
Fonte: (Pesquisa, 2015).

Em coerência com a figura acima, “estudos realizados em diferentes países indicam que mais de trinta por cento de todas as crianças em idade escolar são ou já foram vítimas de bullying nas escolas e pelo menos dez por cento dessas crianças são vítimas regulares desse tipo de violência.” (TEIXEIRA, 2011, p.23)

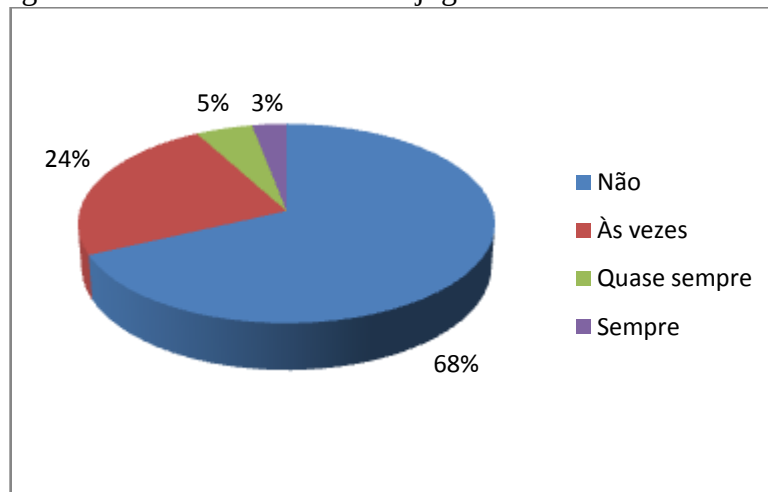
Contudo, nas figuras seguintes (2, 3 e 4) 45% (17) afirmam não ter sido vítima de bullying, 45% (17) nunca foram chamados por nomes feios, insultados ou zombados e 68 % (26) não foi ignorado e deixado de fora nos jogos e nas brincadeiras.

Figura 2 - Vítima de bullying nos últimos seis meses.

Fonte: (Pesquisa, 2015).

Figura 3 - Chamados por nomes feios, insultados ou zombados nos últimos seis meses.

Fonte: (Pesquisa, 2015).

Figura 4 - Ignorado e deixado de fora nos jogos e nas brincadeiras de propósito.

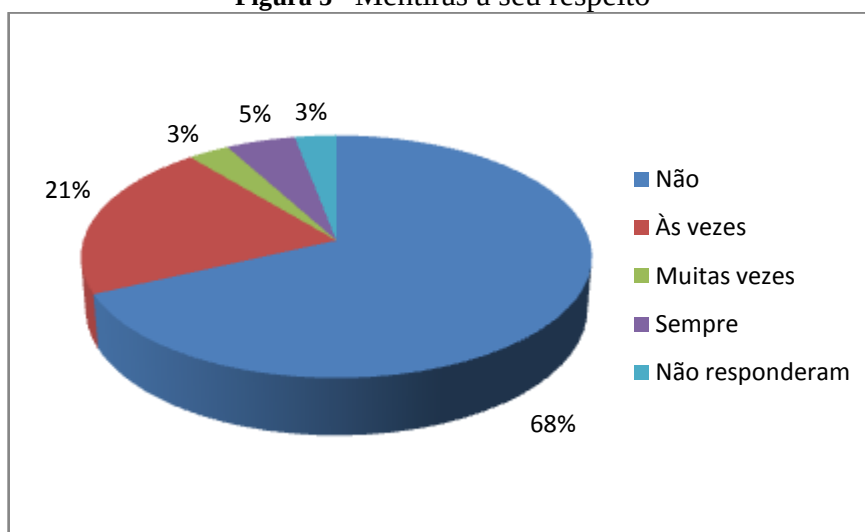
Fonte: (Pesquisa, 2015).

Porém o que deve ser considerado, mesmo que tenha surgido em pequena quantidade, são os alunos que já foram vítimas de bullying, o bullying é caracterizado por atos repetitivos, neste caso, somando os 12% (4) de alunos que todas as semanas são vítimas de bullying, 11% (4), que são chamados por nomes feios e insultados ou zombados, e 5% (2) que quase sempre mais 3% (1) que sempre são ignorados e deixados de fora nos jogos e brincadeiras, tem-se um total de 31% que sofrem bullying.

“Identificar os alunos que são vítimas, agressores ou expectadores é de suma importância para que as escolas e famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o bullying.” (SILVA, 2010, p.47).

Questionados se os colegas contam mentiras a seu respeito, para que os outros não gostem deles, 70% (23) afirma que não, 21% (8) às vezes, 3% (1) muitas vezes, 3% (1) não respondeu e 5% (2) sempre.

Figura 5 - Mentiras a seu respeito



Fonte: (Pesquisa, 2015).

Em relação se já foram roubados na escola ou perto da escola, 34 afirmam que não, 3 são roubados duas ou três vezes por mês, e 1 aluno uma ou duas vezes nos últimos seis meses.

Nota-se que 1 que é roubado duas ou três vezes por mês e 2 que sempre são caluniados pelos colegas, tem-se um número de alunos vítimas de bullying.

Os atos retratados nas figuras 5 e 6 diferenciam-se por serem diretos e indiretos, assim como no bullying, esta diferenciação é assim classificada

No bullying direto presenciamos ataques deliberados. O agressor ataca sua vítima de forma verbal, com xingamentos, ameaças e intimidações, ou fisicamente, com chutes, socos e empurrões. São atos mais facilmente identificados e praticados, principalmente pelos meninos.

No bullying indireto presenciamos atos velados, escondidos, em que o agressor ataca sua vítima de forma subliminar. Normalmente esse assédio é executado por difamação, isolamento e exclusão social, por exemplo.

Essas características são marcantes na hora em que descrevemos os perfis masculinos e femininos dos agressores. Nos meninos identificamos atos mais agressivos e hostis, prevalecendo a força física e ações mais diretas e violentas. Já as meninas tendem a ser mais indiretas nas agressões, praticando principalmente atos de exclusão, inventando histórias difamatórias, criando intrigas, espalhando fofocas, por exemplo. (TEIXEIRA, 2011, p. 25-26)

Questionados se já foram insultados ou chamados por nomes feios por causa de alguma característica física ou deficiência 23 afirma que não, 11 uma ou duas vezes, 1 duas ou três vezes, 2 todas as semanas e 1 todos os dias.

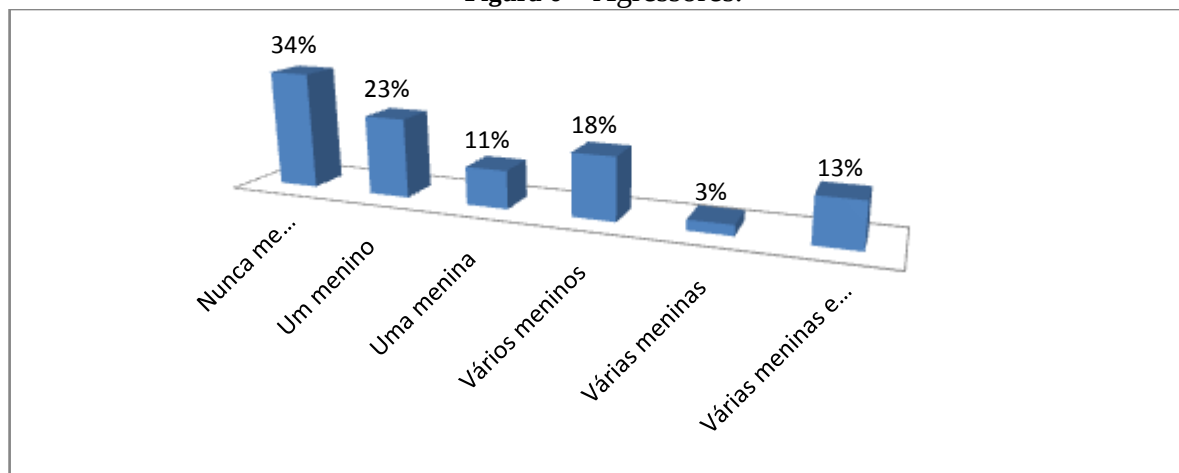
As características físicas são critérios de exclusão e determinação das vítimas.

Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... [...] (SILVA, 2010, p. 38)

Quanto às séries escolares em que ocorrem mais bullying, 14 afirmam nunca ter sofrido, 5 afirma ter sofrido no 1º ano, 6 no 2º ano, 8 no 3º ano, 13 no 4º ano e 13 no 5º ano. Vale ressaltar que os alunos marcaram mais de uma alternativa nesta questão.

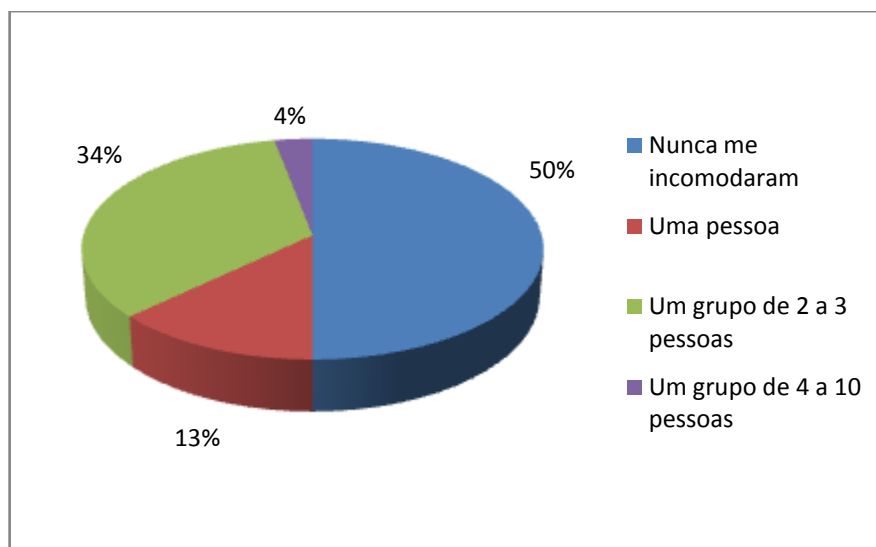
Entretanto, os agressores, foram divididos por gêneros e grupos conforme pode ser observado nas figuras 7 e 8.

Figura 6 – Agressores.



Fonte: (Pesquisa, 2015).

Figura 7 - Números de pessoas no grupo que te chateiam, agredem ou insultam.



Fonte: (Pesquisa, 2015).

Os agressores geralmente agem em grupos, como cita autores como Teixeira (2011) e Silva (2010). Bandeira e Hutz (2012, p.37) afirmam que “meninas cometem bullying tanto quanto meninos”. Entretanto, evidencia-se que na pesquisa realizada, o maior número de agressores é do sexo masculino, e a agressão ocorre por uma pessoa.

“Este resultado é coerente à uma pesquisa realizada pela Abrapia.¹, no estado do Rio de Janeiro, que comprovou um pequeno predomínio dos meninos em relação às meninas entre os bullies.” (SILVA, 2010, p.113).

“Os bullies possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que em geral é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico.” (SILVA, 2010, p.43).

Os alunos afirmaram sofrer insultos e/ou agressões em aproximadamente 22 por seus colegas de turma, reafirmando possíveis situações de bullying nas escolas.

Questionados se sentem seguros na escola, 34 respondeu que sim, 1 que não, e 3 não respondeu.

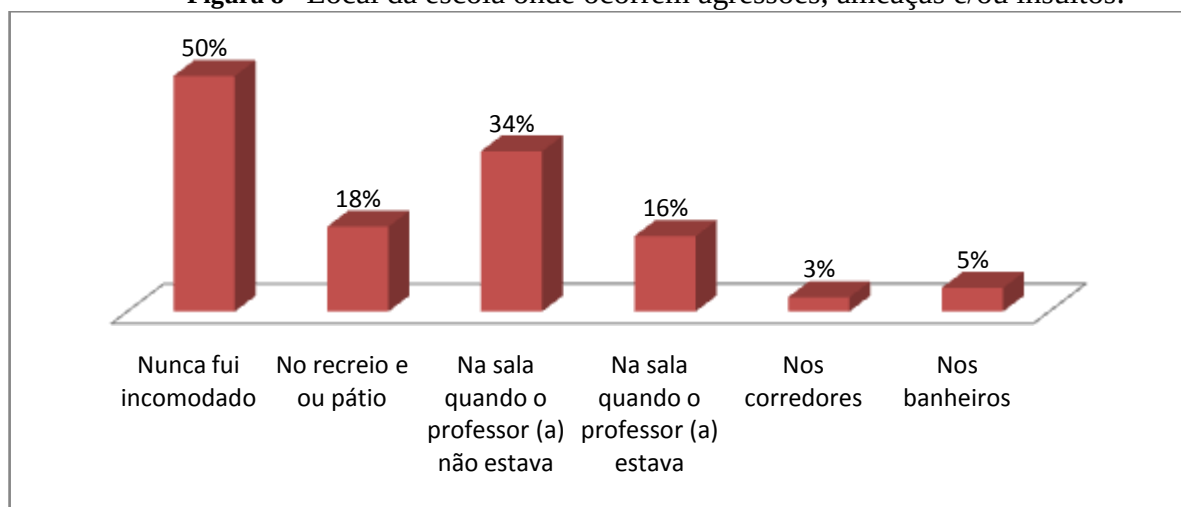
A maioria dos alunos revelou sentir seguro na escola, o que é importante e positivo, pois denota que estes não demonstram medo ou insegurança ao frequentarem a escola.

¹ Abrapia: Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência: www.abrapia.org.br, ativo em 07/06/09.

“Para os alunos que sofrem bullying, a escola se torna um local hostil, perigoso, violento e inseguro.” (TEIXEIRA, 2011, p.38). “Esta condição remete a inúmeras consequências às vítimas, dentre estas, está a queda do rendimento escolar e a resistência ou recusa a ir à escola.” (TEIXEIRA, 2013, p.31)

Outro ponto importante da pesquisa foi o questionamento acerca dos locais onde as agressões acontecem dentro das escolas, o que resultou na figura abaixo,

Figura 8 - Local da escola onde ocorrem agressões, ameaças e/ou insultos.



Fonte: (Pesquisa, 2015).

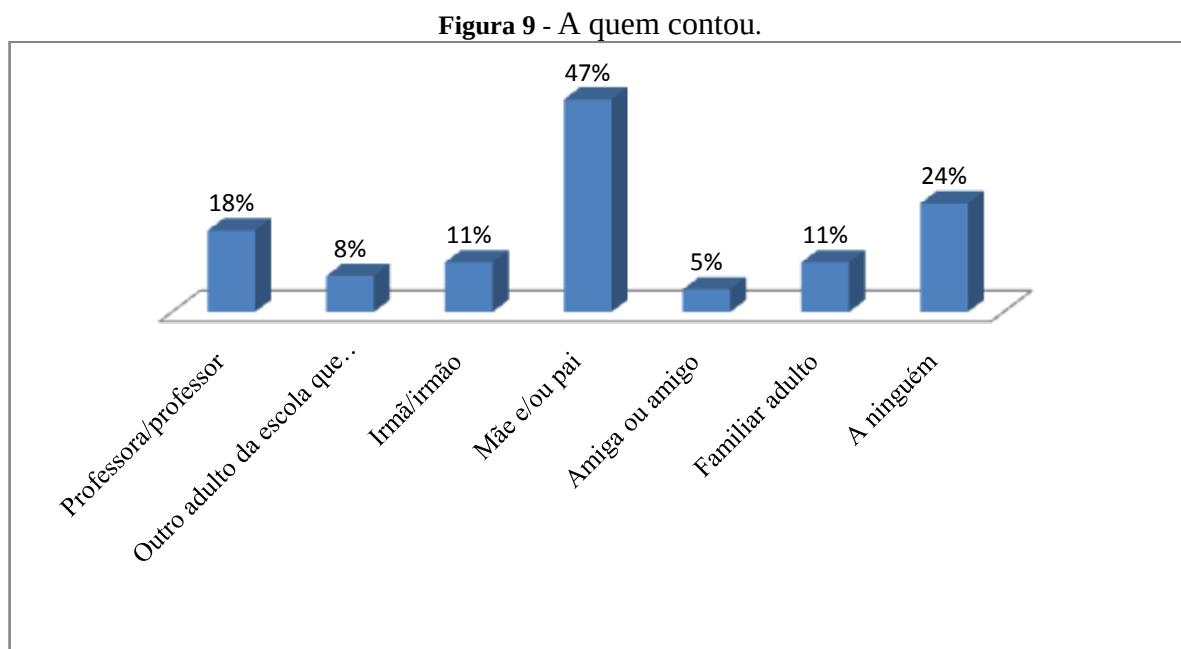
Da totalidade, 19 afirmaram não serem incomodados, dentre o restante dos pesquisados 14 afirmaram ser local de agressão a sala de aula, com ou sem a presença do professor. Ressalta-se que os pesquisados apresentaram mais de uma resposta nesta questão. O local de maior incidência de bullying nas escolas segundo alguns estudos é a sala de aula.

Os estudos também identificam os locais onde esses atos agressivos mais ocorrem. O grande palco dessa tragédia é a própria sala de aula, seguido pelo pátio do recreio escolas, além das imediações da escola, durante o período de chegada e saída dos alunos. (TEIXEIRA, 2010, p. 24)

Teixeira (2013), afirma ainda que os professores presenciam os atos violentos em sala de aula e subestimam o problema, não se posicionando frente às agressões.

Em relação ao fato das vítimas contarem a alguém sobre as ameaças e agressões, 14 nunca foram vítimas, 2 foram vítimas, mas não contou a ninguém, 21 foram vítimas e contou a alguém e 1 não respondeu. Destaca-se que os pesquisados apresentaram mais de uma resposta para esta questão.

Questionados sobre a quem contou que foi vítima de bullying, o resultado pode ser observado na figura 9. Ressalta-se que os pesquisados apresentaram mais de uma alternativa para esta questão.



Fonte: (Pesquisa 2015).

Nota-se que os alunos em sua maioria afirmaram terem contado o fato à alguém, em 47% (18) para os pais, sobre possíveis agressões sofridas na escola, o que é positivo, pois um dos grandes desafios contra o bullying é o silêncio das vítimas.

Silva, (2010), relata que em um estudo da Abrapia realizado em 11 escolas do Rio de Janeiro (nove públicas e duas particulares), aproximadamente 50% dos alvos (vítimas) admitem que não relataram o fato aos professores, tampouco aos pais. Provavelmente o posicionamento dos pesquisados frente às atitudes violentas sofridas está diretamente ligado a um relacionamento favorável entre pais e filhos.

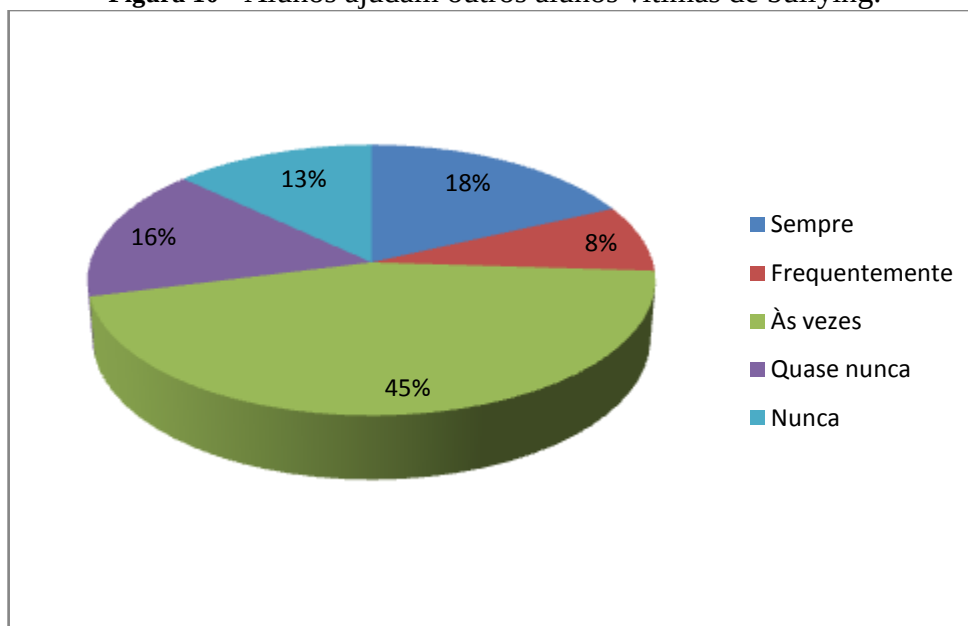
Ao serem questionados se os professores e/ou outros adultos da escola separam os alunos quando há situações de violência, de brigas e/ou bullying, 15 sujeitos afirmaram que separam, 13 às vezes, 5, quase nunca 3 e 2 frequentemente.

Destaca-se que na maioria das vezes os professores e demais integrantes da comunidade escolar intervêm em situações de violência na escola, fato relevante, pois denota preocupação por partes dos docentes e dos demais funcionários da instituição em conter estes atos.

Segundo Antunes (2012), não se trata de estabelecer culpa e castigo, mas, antes, acreditar que existem desvios comportamentais e que uma escola é o ambiente ideal para saná-los.

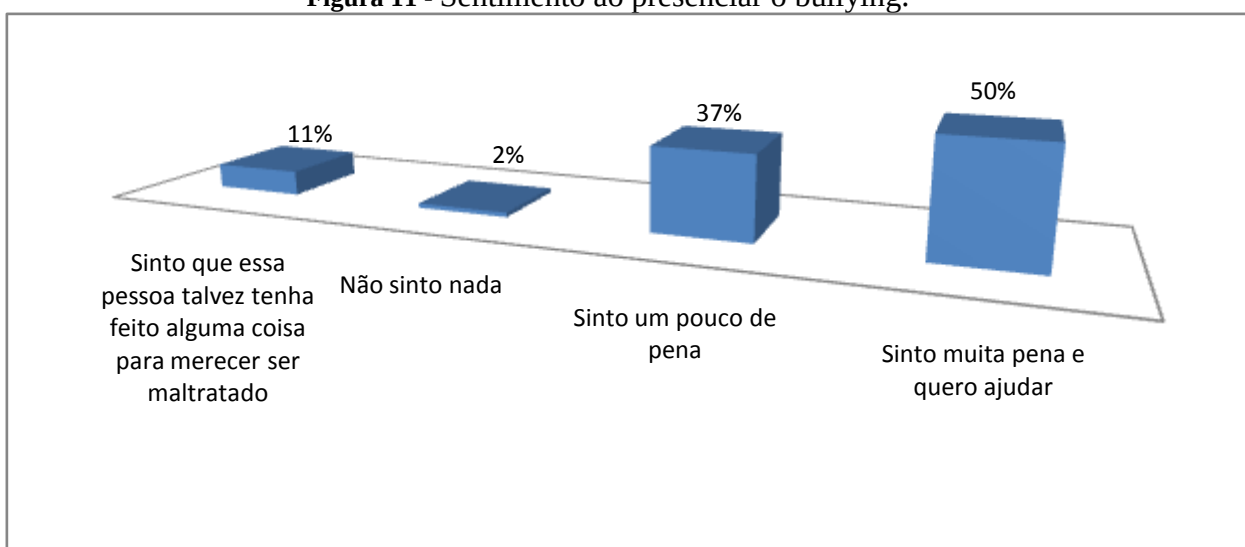
A seguir as figuras 10, 11 e 12 retratam o posicionamento dos alunos que presenciam os atos violentos nas escolas.

Figura 10 - Alunos ajudam outros alunos vítimas de bullying.

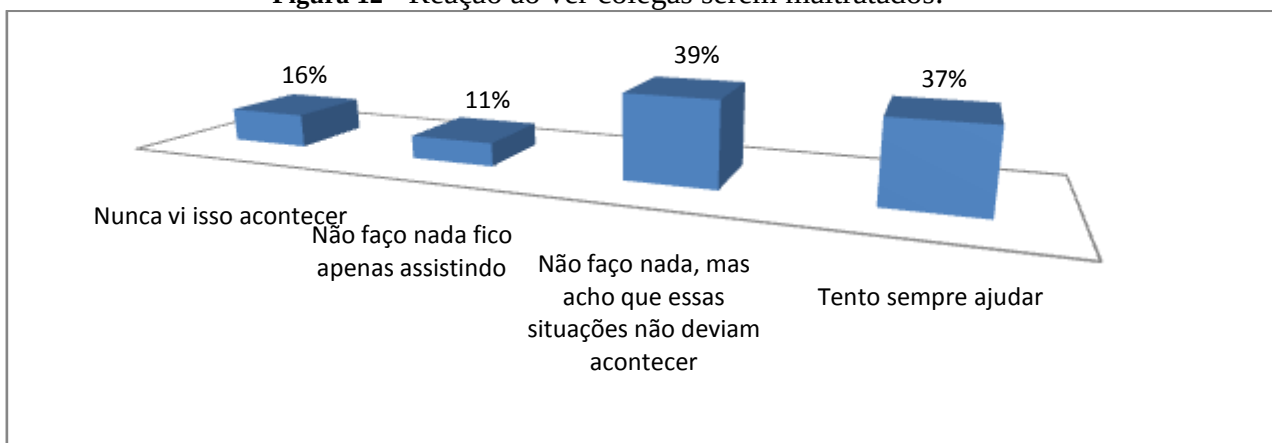


Fonte: (Pesquisa, 2015).

Figura 11 - Sentimento ao presenciar o bullying.



Fonte: (Pesquisa, 2015).

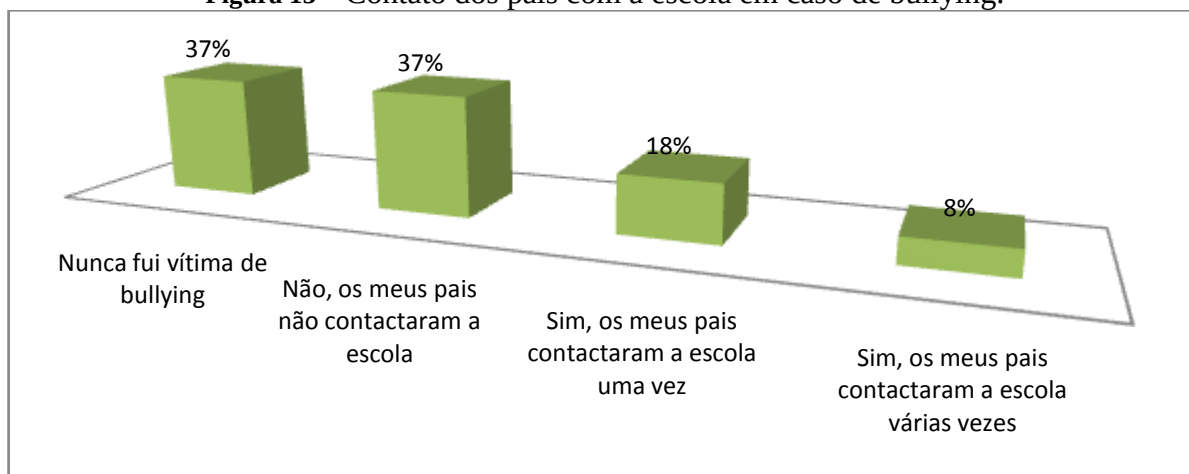
Figura 12 - Reação ao ver colegas serem maltratados.

Fonte: (Pesquisa 2015).

Pode-se observar que mesmo o resultado constatou que 17 sujeitos ajudam outros alunos vítimas de bullying e que 19 sentem pena e quer ajudar, o papel das testemunhas ou expectadores geralmente é neutro. Estes não participam dos atos, mas também não agem contra, variando entre as motivações que levam a tal posicionamento.

Silva (2010, p.46) “afirma que os expectadores dividem-se pela forma como reagem. Os passivos são os que sentem medo de tornarem-se vítimas, os ativos participam dos ataques, e os neutros não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam”.

Em relação ao contato dos pais com a escola em caso de agressão, o resultado pode ser observado na figura 13.

Figura 13 - Contato dos pais com a escola em caso de bullying.

Fonte: (Pesquisa, 2015).

Dos pesquisados, 14 afirmaram não ser vítima de bullying, 14 a mesma proporção, afirma que os pais não comunicaram à escola quanto às suas reclamações.

“Os pais devem estar atentos aos filhos, não somente referente às possíveis vítimas, mas também a possíveis agressores, sempre estabelecendo diálogo com a coordenação pedagógica da escola para a discussão do problema”. (TEIXEIRA, 2011, p. 95-96)

Quando a questão é a ação violenta contra os colegas, 20 sujeitos afirmaram nunca ter maltratado os colegas, 12 uma vez ou duas, 3 afirmou agir assim todas as semanas, e 1 aluno todos os dias. Quanto a colocar apelidos, humilhar, bater ou espalhar mentiras, 27 sujeitos afirmaram que nunca praticou tais atos, 10 uma ou duas vezes, 1 todas as semanas e 1 todos os dias. Ressalta-se que os sujeitos da pesquisa marcaram mais de uma alternativa para esta questão.

Quanto à questão de participar em caso de bullying contra colegas de quem não gostam, 26 sujeitos afirmaram que não participaria e 12 que talvez participasse.

A pesquisa resultou em um número considerável de possível participação em atos de bullying, podendo estes serem divididos em agressores (bullies) ou expectadores.

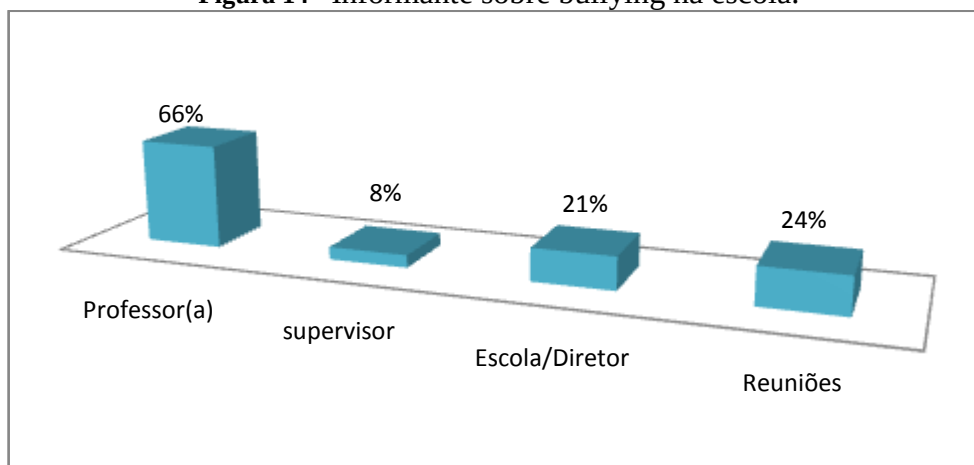
“Segundo Dan Olweus, psicólogo e pesquisador norueguês, pais e professores devem estar atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e adolescentes, considerando os possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de bullying escolar”. (SILVA, 2010, p.47)

Independente do papel exercido é fundamental que família e escola se posicionem de forma positiva frente a este problema que na maioria das vezes é oculto.

Em relação ao conhecimento do tema bullying nas escolas, 30 afirmaram ter acesso às informações inerente ao bullying, 6 afirma não ter acesso à estas informações e 2 não responderam.

“Tal aspecto é muito importante para um recurso preventivo conjunto à um possível projeto contra o fenômeno nas escolas, já que o primeiro passo desse projeto é conhecer o bullying, identificar possíveis manifestações e descobrir que a simples repressão é insuficiente”. (ANTUNES, 2012, p.28)

“A informação é um fator importante para o combate e prevenção do bullying. A escola deve procurar meios para se informar sobre as formas que possibilitem saber quais são as experiências e os sentimentos que seus alunos possuem em relação ao bullying”. (SILVA, 2010, p.163)

Figura 14 - Informante sobre bullying na escola.

Fonte: (Pesquisa 2015).

Ao serem questionados sobre quem informa sobre bullying na escola, observa-se conforme a figura 14, que 25 dos sujeitos da pesquisa apontam o professor como o maior informante sobre o fenômeno na escola, talvez pelo fato de estarem professor e aluno em maior tempo juntos, pois, percebe-se que mesmo com um percentual menor todos os envolvidos no processo educacional são informantes sobre o fenômeno bullying. Ressalta-se que os pesquisados responderam mais de uma alternativa para a esta questão.

O tema bullying, mesmo sendo um fenômeno antigo nas escolas, é um assunto contemporâneo e possui variações. Dentre estas, está o cyberbullying, que “ocorre nas redes sociais, e caracteriza-se pelo anonimato que as redes sociais disponibilizam, podendo assim os bullies (agressores) não serem identificados”. (SILVA, 2010, p.126).

Portanto, o questionário adaptado do Pesquisador Dan Olweus utilizado na pesquisa, contou com uma questão abordando a variação atual do bullying.

De acordo com os resultados obtidos, 35 dos pesquisados nunca usou de meios eletrônicos para maltratar os colegas nos últimos meses, em contrapartida, 2 fez uso uma ou duas vezes e 1 faz uso toda semana de meios eletrônicos para ridicularizar os colegas.

O cyberbullying é crescente entre os jovens em função da era tecnológico na qual vivem. Teixeira (2011, p. 42), afirma que:

Estudos afirmam que o cyberbullying tem crescido nos últimos anos, um recente estudo publicado na revista médica *Pediatrics* revelou que o bullying realizado através da internet entre adolescentes e pré-adolescentes cresceu cerca de cinquenta por cento em apenas cinco anos.

“Contudo, já existem delegacias especializadas em crimes cibernéticos para onde se devem levar as provas e onde se formalizam as queixas”. (SILVA, 2010, p.140)

Ao final do instrumento aplicado, há um espaço para que os sujeitos pudessem se expressar livremente sobre situações pertinentes à pesquisa. Sendo este item opcional, 16 alunos escreveram. Dentre as expressões destacam-se situações de violência na escola, comentários sobre o que acharam da pesquisa, e opiniões sobre o fenômeno.

Abaixo estão expressões livres de alguns dos alunos.

“Em minha opinião o Bullying nunca poderia existir”.

“Alguns alunos me chamam de piolhenta ou cocota e eu fico triste porque muita gente tem”.

“Eu nunca fiz mal para ninguém e todos colocam apelidos em mim porque eu sou gorda”.

“Acho que bullying é uma coisa muito triste por dentro e por fora, pois já aconteceu comigo. Às vezes é difícil quando você é humilhado, pois muitas vezes puseram apelidos em mim e já me bateram de deixar eu bem machucada”.

“Mesmo que a pessoa seja deficiente, temos que respeitar os seus problemas, sendo deficientes ou não”.

“Se você não quer ser maltratado, não maltrate os outros”.

“Eu já sofri Bullying e não quero isso pra ninguém”.

“Eu queria falar que ficar dando apelidos aos outros não leva a lugar nenhum”.

“Eu gosto desta escola e das professoras, elas que me ajudam”.

Percebe-se que são alunos conscientes em relação ao tema da pesquisa.

5. Considerações Finais

O bullying é um fenômeno mundial próprio do ambiente escolar, e ocorre entre meninos e meninas. Este se diferencia nas formas de agressões, sendo física, verbal, sexual, psicológica ou virtual.

A pesquisa buscou evidenciar e verificar a incidência deste fenômeno nas escolas municipais de Ubá-MG. Sabe-se que ao final da pesquisa, dentre os sujeitos pesquisados, houve uma porcentagem que declarou sofrer ameaças, agressões, e serem alvos de brincadeiras indevidas.

Contudo, este resultado pode ser um princípio indicador para os casos de bullying que acontecem nas escolas, já que se trata de um fenômeno crescente. Por ser silencioso, o ato

pode permanecer por muito tempo em sigilo, ampliando os casos de bullying e dificultando o reconhecimento dos diferentes papéis desempenhados pelos alunos nesse fenômeno dentro das instituições de ensino.

Pôde ser observado o incômodo dos alunos ao presenciar situações de violência entre os colegas, como também, de assumirem cometer atos violentos. Desta forma, tem-se a confirmação da presença de alunos que praticam violência com outros colegas nas escolas pesquisadas. Esta afirmação é um ponto importante a ser analisado, pois mesmo com o silêncio das vítimas, pode-se começar a identificação do fenômeno por meio dos agressores ou das testemunhas.

O resultado denota o conceito de uma mostra do fenômeno que ocorre no mundo. Verificar a frequência dos atos é um fator relevante para o reconhecimento dos bullies nas escolas. É evidente que apurar o bullying de forma exata e precisa, demandaria um longo período de observação através de um estudo detalhado, já que trata-se de um fenômeno oculto, difícil de ser identificado..

Contudo, a pesquisa realizada serve para iniciar a identificação e erradicação do bullying na escola, ou seja, considerá-lo como um fato presente na instituição, sendo prejudicial e não podendo ser visto como “normal” entre os alunos, pois traz danos reais a vida das vítimas, tanto no presente como no futuro.

Referências

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos de graduação**. São Paulo: Atlas, 2010.

ANTUNES, Celso. **(In) Disciplina e (Des)Motivação**. São Paulo: Paulus, 2012.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Do Bullying ao Preconceito: Os Desafios da Barbárie à Educação**. Psicologia & Sociedade; 20. 33-42, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo. Php?Script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100004>. Acesso em: 15 Jun 2015.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes. HUTZ, Cláudio Simon. **Bullying: autoestima e diferenças de gênero**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 2009.

CANTINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação em psicologia do Centro de Ciências da vida, Pontificia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo. 2004.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade - Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo : Editora Gente, 2008.

GODOY, **Pesquisa qualitativa.-tipos fundamentais**,In *Revista de Administração de Empresas*, v.35, n.3, Mai./Jun. 1995b, p. 20-29.

OLWEUS, D. **Bullying na escola. O que sabemos e o que podemos fazer.** . Oxford, UK: Blackwell, 1993.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual antibullying para alunos, pais e professores.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares- entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.